

COLÉGIO REGINA COELI: SUJEITOS DO ENSINAR E DO APRENDER DE UMA ESCOLA CONFSSIONAL CATÓLICA

MARINA MATIELLO*
TERCIANE ÂNGELA LUCHESE**

RESUMO

O presente artigo apresenta aspectos da cultura escolar que dizem respeito aos sujeitos do ensinar e do aprender do Colégio Regina Coeli, situado em Veranópolis/RS. Baseado nos pressupostos teóricos da História Cultural utilizou-se, como metodologia, a análise de documentos, principalmente de relatórios e fotografias, produzidos e arquivados pela instituição objeto de estudo, além de entrevistas com os sujeitos escolares. O recorte temporal contempla o período de 1948 a 1969, em que a escola mantinha o estatuto de confessional católica. A partir da análise de dados foi possível depreender que as Irmãs de São José eram reconhecidas como “exímias educadoras” e tornaram-se referencia em educação no município e na região. A relação entre educadores e educandos era marcada pela disciplina, no entanto, sempre permeada pelo afeto, especialmente na educação de crianças.

Palavras-chaves: História da educação; Escola confessional-católica; Educadores; Educandos.

ABSTRACT

COLÉGIO REGINA COELI: SUBJECTS OF TEACHING AND LEARNING A CONFSSIONAL CATHOLIC SCHOOL

This paper presents aspects of school culture that relate to the subject of teaching and learning of School Regina Coeli, located in Veranópolis/RS. Based on the theoretical assumptions of cultural history it was used – as a methodology- an analysis of documents, mainly reports and photographs, produced and archived by the institution object of study, as well as interviews with school subjects. The time frame covers the period 1948-1969, when the school held the Catholic confessional status. From the data analysis it was possible to

* Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul – PPGEduc/UCS. Professora da Faculdade da Serra Gaúcha e Diretora do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Farroupilha/RS.

** Doutora em Educação – Currículo, Cultura e Sociedade pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professora da Universidade de Caxias do Sul - UCS, sendo Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso de Mestrado e Doutorado em Educação – PPGEduc/UCS. Pesquisadora PQ 2 CNPq. E-mail: taluches@ucs.br

conclude that the Sisters of São José were recognized as "out standing educators" and have become a reference in education in the municipality and the region. The relationship between educator sand students was marked by the discipline, however, always imbued by affection, especially in the education of children.

Keywords: History of education; Confessional Catholic School; Educators; Students.

O Colégio Regina Coeli, situado em Veranópolis, no Rio Grande do Sul, é considerado uma referência em educação no município, principalmente devido a presença das Irmãs de São José, que contribuíram com a formação de sujeitos do ensinar, assim como de sujeitos do aprender. A narrativa construída sobre o Colégio Regina Coeli considera as subjetividade dos sujeitos, as especificidades dos tempos e dos espaços, as representações e as inter-relações, produzidas a partir dos documentos que compuseram o *córpus* empírico dessa pesquisa. O recorte temporal delimitado para o estudo compreende o período de 1948 a 1969, em que a escola, com o estatuto de confessional católica, era administrada pelas Irmãs de São José. Para tal, alguns dados do período anterior também serão apresentados, com o intuito de propiciar um melhor entendimento do objeto de pesquisa.

Considerando essa delimitação, para a construção da narrativa, analisaram-se as culturas escolares, no que diz respeito aos sujeitos escolares, tanto do ensinar (educadores), como do aprender (educandos). Pautada nos pressupostos teóricos da História Cultural, utilizou-se como metodologia a análise de documentos, referentes ao Colégio Regina Coeli, e a história oral, através de entrevistas com sujeitos que participaram da instituição de ensino objeto dessa pesquisa. Os documentos dizem respeito às atas de reuniões, ao "Relatório da verificação para efeito da concessão de 'inspeção preliminar' Ginásio Regina Coeli", às fotografias, aos livros de matrículas e aos jornais. As entrevistas, utilizadas para este estudo, foram realizadas duas Irmãs de São José (uma ex-professora e uma ex-aluna) e duas ex-alunas, que atuaram também como professoras na escola.

É importante considerar que as Irmãs de São José já atuavam na educação no município desde 1917, mas foi a partir de 1948, com a ocupação do prédio construído especificamente para o colégio, ilustrado na Figura 1, que ele passa a denominar-se Regina Coeli. Em 1969, o colégio passa da condição de confessional católico para comunitário, porém a direção da escola ficou a cargo das Irmãs de São José até o ano de 1976.



FIGURA 1 – Fachada do edifício logo após a inauguração
FONTE: Relatório da Verificação... (1949).

No início, em 1917, a escola denominava-se São José, passando a chamar-se Escola Regina Coeli em 1946, quando iniciaram movimentos que culminariam na inauguração do prédio construído especificamente para a escola, em 1948. O nome prestava uma homenagem à Rainha do Céu, presente no alto do prédio. “No ano de 1948, foi criado o Curso Ginásial”, tendo a primeira turma de formandas em 1950. (PESSIN, 1998, p. 400). Em 1954, com a criação do Curso de Formação de Professoras do Primário e do Pré-primário, referente ao que hoje configura o Ensino Fundamental I e Educação Infantil, foi denominada de Escola Normal Regina Coeli, sendo de 1956 as primeiras formandas do curso. (PESSIN, 1998). Em 1975, com a reforma do então 2º Grau, a escola passou a oferecer os cursos de Magistério e Auxiliar de Escritório, recebendo nova denominação em 1980: Escola de 1º e 2º Graus Regina Coeli. (PESSIN, 1998).

De Colégio São José, passando para Escola Regina Coeli, Ginásio, Escola Normal ou Escola de 1º e 2º Graus Regina Coeli, observa-se, na comunidade veranense, assim como se constatou nas entrevistas com os sujeitos escolares, que a escola é referenciada geralmente com o nome de Colégio Regina Coeli, ou simplesmente, Regina Coeli, por isso optou-se por essa denominação.

Sujeitos do aprender: normas, rotinas e vivências dos educandos do Colégio Regina Coeli

Discorrer sobre sujeitos escolares que fizeram parte da história dessa instituição escolar se constitui uma tarefa árdua, pois, em vista de que são milhares os sujeitos que construíram, participaram e influenciaram na história do Colégio Regina Coeli, muitos nem poderiam ser referenciados aqui. A partir de tantas histórias, a escolha de alguns sujeitos se deu através de pesquisa, considerando a proximidade, os conhecimentos pessoais ou as possibilidades. Tais sujeitos não são unanimidade, mas trazem à tona memórias que constituem representações a partir das suas narrativas.

Tendo iniciado em 1917, com o nome de Colégio São José, cabe expor brevemente alguns dados que permitem compreender a relação dos sujeitos escolares com o colégio, bem como desse com a comunidade. Merece destaque o número de matriculados no primeiro ano de funcionamento da escola, quando ainda estava instalada em casa alugada, onde as Irmãs também residiam. Em 1917, pelas atas de matrículas, foram registrados 130 alunos matriculados, sendo 13 alunas no 3º Curso, com idade entre 11 e 18 anos, 35 alunas no 2º Curso, com idade entre 7 e 18 anos, e 82 alunos matriculados no 1º Curso, de ambos os sexos, sendo 61 do sexo feminino e 21 do sexo masculino, compreendendo idades entre 3 e 20 anos.

Os alunos matriculados no ano de 1917 eram, na maioria, residentes de Alfredo Chaves (atual Veranópolis), havendo ainda alunos de Lagoa Vermelha, Capoeiras (atual Nova Prata), Monte Vêneto (atual Cotiporã) e Vacaria. O Colégio Regina Coeli, no início ficou conhecido por oferecer educação católica às meninas e moças de Veranópolis. No entanto, como é possível verificar através dos registros de matrícula, no regime de externato, atendia também a alunos do sexo masculino. Os locais de proveniência, nos primeiros anos, já indicam a abrangência do Colégio Regina Coeli, bem como a grande demanda, pois atendia a alunos, filhos de famílias abastadas, não só do município, como também da região. O atendimento a alunos provindos de diferentes municípios permaneceu como sendo a realidade do Colégio durante todo o período analisado neste estudo, podendo-se citar, inclusive, a entrevistada Irmã Maria Diumira Barcelos Neglia, que residia em Porto Alegre e ficou interna no Colégio Regina Coeli durante o ano de 1955.

Levanta-se a hipótese de carência de colégios particulares com formação confessional católica, bem como de escolha das famílias, como é o caso de alunas provenientes da Capital Porto Alegre, já que o Colégio Regina Coeli, era uma referência em educação, quer pelo papel desempenhado pelas Irmãs, quer pelo ambiente físico, que fora referenciado por muitos anos, devido à sua estrutura e imponência.

Em 1919, o colégio passou a funcionar na antiga Intendência de Veranópolis. Considerando-se que nos primeiros anos de funcionamento houve um crescente aumento no número de matrículas, deduz-se que as Irmãs necessitavam de um espaço maior para atender aos alunos, tendo o intendente Taurino de Resende oferecido a Intendência Municipal, localizada onde hoje está a Sociedade Alfredochavense. Na transcrição do Livro de Tombo da Paróquia São Luiz Gonzaga da Colônia Alfredo Chaves, realizada por Costa (1997), o comentário do Frei José, de Bento Gonçalves, citado no Capítulo 1, informa que havia 155 matriculados em 1920, sendo apenas quatro as alunas internas. Menciona que o externato era misto. Sendo assim, os documentos clarificam informações que estavam desconhecidas até o momento, havendo a comprovação de que turmas mistas, para algumas séries, existiram desde o início e não só posteriormente, como muitos dos comentários colhidos, expressos pela comunidade ou na bibliografia, levavam a crer.

Além disso, no Colégio Regina Coeli, os alunos do 1º Curso do Ensino Primário, matriculados na escola no ano de 1917, também possuíam idades muito diferenciadas, compreendendo a faixa etária dos 3 aos 20 anos. Talvez a explicação resida no fato de haver poucas escolas em Veranópolis, existindo, no âmbito particular, duas escolas confessionais católicas: o Colégio Regina Coeli e o Colégio Divino Mestre, ambos destinados à educação da mocidade católica do município. Este último atendeu apenas ao sexo masculino por muito tempo, havendo turmas mistas apenas nos cursos noturnos a partir de 1947, quando o educandário passou a denominar-se Ginásio Divino Mestre, agregado à Escola Técnica de Comércio São Luiz os cursos primários. (FARINA, 1992).

Sobre os sujeitos escolares, é importante mencionar, também, a expectativa em relação ao número de alunos, sendo que logo após a inauguração, em 1949, havia a previsão de 300 matrículas, incluindo o Curso Ginásial. Além disso, uma anotação,¹ de que o

¹ Anotação feita com lápis no texto.

colégio tinha capacidade máxima para 500 alunos denota quais eram as perspectivas e possibilidades depois da construção do novo prédio.

Através da figura 2, é possível observar uma turma de alunas da 1ª série, possivelmente do Curso Ginásial,² no ano de 1949. As alunas estão posicionadas cuidadosamente na escadaria que dá acesso ao pátio interno da escola, merecendo destaque a postura rígida e séria da maioria das alunas, bem como os uniformes com cores sóbrias, que também demonstram seriedade, assim como o uso de boina, indicando que fazia parte do uniforme. Também é possível notar as saias, que cobrem os joelhos, assim como similaridade na altura das meias e nos calçados. O posicionamento das mãos, alinhadas ao corpo, também são indicativos de disciplina e certa rigidez. Em duas alunas, posicionadas no lado esquerdo da segunda fileira, é visível o uso de crucifixo, destacando a religiosidade.



FIGURA 2 – Grupo de alunas da 1ª série
FONTE: Relatório da Verificação..., (1949).

O registro fotográfico permite inferir dados sobre os discentes, mas também sobre os espaços e tempos da escola, que carregam

² O Ginásio, que correspondia aos atuais quatro anos finais do Ensino Fundamental, constituía-se em um nível intermediário entre o Ensino Primário e o Ensino Colegial.

consigno normas e limites pertinentes aos usos e aos sujeitos que a ocupavam. O depoimento da Irmã Maria Diumira Barcellos Neglia denota experiências e representações que as alunas internas tinham do pátio do Colégio Regina Coeli, que, ao mesmo tempo, era um espaço de convívio e de regulação:

No recreio, a gente ia para o recreio assim, depois da janta, depois do almoço, a gente ia fazer recreio no pátio, ia fazer lazer. E tinha uma Irmã, a Irmã Luizinha, ela já faleceu, ela botava as mãos pra dentro do hábito, assim, que ela tinha o hábito ainda e ela caminhava³ aonde a gente tava em grupinho, ela tava ali... Pra ver o que a gente ia falar, o que que a gente falava. Só cuidar, cuidar, fiscal, sabe. Não entrava assim, conversar com a gente. Porque a gente se metia lá no grupo, contava história, anedota, coisa assim, brincadeira. [...] Mas foi muito divertido, um ano inteiro, eu adorei aquele tempo lá, sabe? (NEGLIA, 2012).

Quando a Irmã Luizinha se aproximava dos grupos, as alunas falavam: “Lá vem ela, lá vem ela” ou “Ela vem vindo, ela vem vindo...” (NEGLIA, 2012). Assim, é possível inferir que mesmo no pátio, que era o local que propiciava maior liberdade, em que as alunas conversavam, brincavam, havia o controle da disciplina, através da vigilância constante de alguma Irmã.

Assim também era na hora do banho das meninas do internato. Ao se referir à Irmã Maria Enilda, que além de professora do Jardim, cuidava do internato, Maria Diumira B. Neglia relatou:

Então a gente tinha horário, o tempo pra tomar banho. Enquanto se tomava banho ela passeava nos banheiros, na frente dos banheiros assim, sabe, ficava passeando...⁴ Tinha o terço, segurava o terço. E quando a gente passava da hora, ela fazia assim: “Tá na hora”⁵. [...] Então tinha uma outra colega minha, que era de Porto Alegre, muito amiga minha. [...] Então ela falava no banheiro. Ela⁶ dizia: “Não sabe que aqui é silêncio. Eu vou te entregar pra Irmã...” Ela dizia assim (NEGLIA, 2012).

³ Nesse momento, a Irmã Maria Diumira B. Neglia encenou o que falava, imitando o jeito da Irmã Luizinha.

⁴ Nesse momento a entrevistada já estava de pé encenando a sua fala.

⁵ Encenou a fala, batendo na mesa, como se estivesse batendo na porta e caminhando, como fazia a Irmã.

⁶ Referindo-se à Irmã Maria Enilda.

Sobre as normas do Colégio Regina Coeli, o Capítulo XI do Regulamento Interno do Ginásio Regina Coeli trata da disciplina geral. Seu artigo 23 é esclarecedor:

A disciplina tem como base a formação da consciência das alunas. Enérgica, mas suave, deve ela criar entre educadoras e educandas uma atmosfera de confiança, indispensável a toda obra educativa. Prevenindo faltas, para evitar castigá-las empregarão as professoras todos os meios a seu alcance para formar nas alunas, hábitos de pureza, lealdade, de ordem, de trabalho e de economia. Usando de preferência a persuasão, empregarão quando necessários meios mais severos, de maneira, porém, a que jamais seja ofendida a dignidade das alunas. Esses castigos consistirão na renovação de trabalhos mal cumpridos, em exortações particulares e outros corretivos a critério da Diretora (RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO..., 1949).

A partir da análise dos documentos e das entrevistas, pode-se afirmar que, mesmo havendo uma disciplina rígida em relação às normas, tanto as alunas internas, como os alunos do externato mantinham um bom vínculo com as Irmãs, estando em consonância com o exposto no artigo 23, mencionado anteriormente. Vale ressaltar que a disciplina e a cobrança rígida em relação ao comportamento não excluía a relação de afeto entre professoras e alunos, havendo, muitas vezes, até uma relação de cumplicidade, principalmente com as alunas internas. É claro que as alunas possuíam relações mais estreitas com algumas Irmãs e mais distantes com outras, dependendo não só do perfil das Irmãs, mas também do papel que desempenhavam dentro da escola. Essa relação de proximidade recíproca, principalmente entre professoras e alunas, foi constatada nas entrevistas com os sujeitos escolares.

A ordem no ambiente escolar pode ser detectada também a partir da organização do tempo escolar, com suas concepções e práticas. Sobre os tempos escolares, Faria Filho menciona:

São sempre “tempos” pessoais e institucionais, individuais e coletivos, e a busca por delimitá-los, controlá-los, materializando-os em quadros de anos/séries, horários, relógios, campainhas, deve ser entendido como um movimento que tem ou propõe múltiplas trajetórias de institucionalização. Daí, entre outros aspectos, a sua força educativa e sua centralidade no aparato escolar (2002, p. 17).

No Capítulo III, artigo 12, do Regulamento Interno do Ginásio Regina Coeli, que trata do horário, percebe-se a organização da rotina das alunas internas e externas:

6,15 horas: levantar, asseio, desempenho das obrigações religiosas. 7,15 horas: café, recreio. 8 horas: início das aulas, que se prolongam até às 11,30 horas, continuando, com exceção das quartas e sábados das 13,30 horas às 15,30 horas. 12 horas: almoço e recreio. 15,30 horas: café e recreio. 16 horas: estudo. 18,30 horas: jantar e recreio. 20 horas: deitar. As alunas semi-internas permanecem no Ginásio até às 17 horas. As externas retiram-se logo após o fim das aulas (RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO..., 1949).

Novamente se percebe que ao mesmo tempo em que há organização e rigidez em relação aos horários, existem períodos destinados ao recreio, que possibilitavam o lazer e a interação entre as alunas internas. Ainda em relação a essa organização, o Capítulo XIII, do mesmo relatório, auxilia na compreensão da organização do tempo escolar, em relação às férias e feriados, sendo dois os períodos de férias prescritos oficialmente; havendo feriados nas festas nacionais, nos dias santos de guarda e no dia da padroeira do ginásio. (Artigo 25/ RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO..., 1949).

Além das normas relativas ao horário, outras tantas eram especificadas em relação à rotina das alunas internas. Nos Capítulos XIV e XV do Regulamento Interno do Ginásio Regina Coeli, constata-se o entendimento de muitas normas do dia a dia sobre as visitas, as saídas, as correspondências, assim como sobre limites pontuais, que são citados nas disposições transitórias. No artigo 26, Capítulo XIV, são mencionadas as visitas, ou seja, as pensionistas só podiam receber os pais ou pessoas por eles autorizadas, nos domingos e feriados. A visita a seus conhecidos podia ser feita pelas alunas, mediante autorização escrita ou verbal dos pais, nos dias marcados pela diretora, conforme pode ser verificado no artigo 27. No entanto, durante a aula, nenhuma aluna seria chamada (artigo 28) e também não seria permitido atender a chamados de telefone, assim como não seria dada licença para saírem com solicitação somente por telefone (artigo 29). Em relação às correspondências, as pensionistas não podiam receber e enviar cartas ou objetos sem prévio conhecimento da diretora (artigo 30). O capítulo termina com o artigo 31, que permitia que as alunas escrevessem mensalmente para os pais, sendo que esses poderiam, se desejassem, dar notícias através de cartões mensais

(RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO..., 1949).

Havia um contato limitado com a família, assim como um controle rígido sobre tudo o que as alunas recebessem, quer fossem objetos ou correspondências, porque as alunas estavam sob a responsabilidade das Irmãs, que, com sua vigilância permanente, mantinham as alunas em “segurança”. Essa segurança era garantida a partir do cuidado em todos os momentos, no acompanhamento integral das alunas em atividades escolares, de lazer ou mesmo nos momentos de higiene, como na hora do banho, por exemplo. Ao mesmo tempo em que havia um distanciamento da família, muitas alunas criavam laços afetivos estreitos em relação às colegas ou às Irmãs, conforme dito anteriormente.

Os limites, que garantiam a segurança das internas, iam desde normas quanto a saídas até o uso de produtos de higiene e beleza. Nas disposições transitórias, expressas no Capítulo XV, ficam claros muitos desses limites:

Art. 32º Não é permitido às alunas o uso de joias, pintura e perfume.

Art. 33º As alunas não conservação em seu poder objetos de valor que serão depositados na Diretoria, bem como o dinheiro que recebem para extraordinários.

Art. 34º A Diretoria não se responsabiliza pelos objetos a que a aluna ao retirar-se deixar no estabelecimento, sem reclamá-los dentro de dois meses, a contar do dia da saída.

Art. 35º Duas vezes por semana podem as pensionistas tomar banhos mornos; a quem desejar mais frequentemente ser-lhe-ão preparados mediante uma taxa previamente convencionada. Os chuveiros estão à disposição das alunas diariamente.

Art. 36º Aos senhores pais serão dadas informações mensais sobre o comportamento e aplicação das filhas por meio de boletins.

Art. 37º Injustificável demora nos pagamentos, falta habitual de aplicação ou docilidade, desobediência grave reclamam exclusão da aluna.

Nota: Procurem sempre as alunas a procederem com perfeição possível, pautando todas as ações pelos princípios cristãos. Por isso, sobrenaturalizem todos os atos, vendo no dever de cada momento a expressão da vontade divina e nos superiores os representantes de Deus.

A nota final dependia do comportamento esperado das internas, que deveriam buscar a perfeição, pautadas nos princípios

cristãos. Assim, havia uma rigidez quanto à execução e cobrança das normas. As alunas, ao entrar para o internato, deixavam de lado as vaidades femininas e a preocupação com bens materiais. No entanto, tinham acesso ao seu dinheiro, sempre que recebessem a aprovação das Irmãs. Esse dinheiro, que era deixado pelos pais às suas filhas, era utilizado em passeios, na compra de alimentos, como sorvete ou objetos pessoais. Os limites eram necessários, mas, ao mesmo tempo, havia o reconhecimento do bom comportamento das alunas, conforme consta na entrevista com a Irmã Henriete Cembrani:

Muito disciplinadas e já vinham de casa educadas. Supereducadas. De agradecer, de pedir desculpas, de respeitar, nunca vi briga, nunca, tu te lembra?⁷ Acho, ninguém, nunca vi briga, discussão, palavrão, só quando a gente ia fora visitar grutas e coisa assim, a gente ouvia, a gente até nem gostava. Eu dizia: “Por favor, não diga essas palavras, que as meninas estranham” (CEMBRANI, 2012).

Através da fala da Irmã Henriete Cembrani fica claro que havia um ambiente de respeito e de proteção das Irmãs para com as suas alunas. Essa fala encerra as reflexões a respeito dos alunos, representando os laços afetivos, as normas, os limites, enfim as relações entre os sujeitos do aprender e os do ensinar. Sobre os sujeitos do ensinar, apesar de muito se poder depreender das reflexões dos sujeitos do aprender, pois ambos se constroem mutuamente, serão apresentadas algumas análises sobre os docentes do Colégio Regina Coeli a seguir.

Sujeitos do Ensinar: experiências e relatos de educadores do Colégio Regina Coeli

Os sujeitos do ensinar tem um papel central na educação, já que é a partir das suas práticas e inter-relações, com os sujeitos do aprender, com os sujeitos administrativos e com a comunidade educativa, que ocorre o processo de ensino-aprendizagem. A generalização aqui, se torna difícil, devido às individualidades presentes nos discursos e práticas de cada um desses sujeitos. Dessa forma, serão apresentadas algumas normas que regiam o trabalho docente, bem como práticas e representações em relação

⁷ Perguntando a Irmã Maria Diumira Barcellos Neglia, que havia sido sua aluna na época.

aos sujeitos do ensinar do Colégio Regina Coeli. Cabe destacar que no período de 1948 a 1969 esses sujeitos, que constituem o corpo docente da escola objeto de estudo, são, na sua maioria, Irmãs de São José.

Em relação aos professores e às normas que regiam seu trabalho, o Regulamento Interno do Ginásio Regina Coeli é esclarecedor, já que trata, no Capítulo IV, da composição e dos deveres do corpo docente, conforme pode ser conferido na citação:

- O corpo docente do Ginásio Regina Coeli compõe-se de:
- a) Professores inscritos no Registro de Professores do Departamento Nacional de Educação, em número suficiente para o ensino completo das diversas disciplinas do curso secundário.
 - b) Auxiliares para ajudarem e substituírem os precedentes.
 - c) Professores normalistas para o ensino do curso primário.
 - d) Uma porteira.
 - e) Uma preparadora de ciências. (RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO..., 1949).

Ressalta-se a composição do corpo docente, formado não apenas por professores que atuavam em sala de aula, mas por auxiliares, bem como uma porteira e uma preparadora de Ciências. Destaca-se que estas últimas, são citadas no feminino, inferindo-se que eram professoras que ocupavam tal cargo. A preparadora de Ciências, provavelmente auxiliava nos laboratórios, onde existia uma variedade de materiais e reagentes para experiência.

Os professores do Ensino Secundário deveriam estar inscritos no Registro de Professores do Departamento Nacional de Educação, enquanto que os do Ensino Primário eram professores normalistas. Consta que algumas alunas normalistas faziam seus estágios com as turmas de Primário da escola, como foi o caso da entrevistada Jane Dal Pai Giugno, que foi convidada a fazer o estágio no Colégio Regina Coeli. Como professores, tinham o dever de

- a) Ministrar as lições nos dias, horas e locais determinados cumprindo com exatidão os programas oficiais.
- b) Proceder à chamada das alunas e mencionar a matéria dada.
- c) Manter a disciplina e a ordem nas aulas, esforçando-se na instrução de todas as alunas e aplicando-lhes notas. (RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO..., Cap. IV, Art. 14, 1949).

Os deveres dos professores evidenciam não apenas os conteúdos a serem desenvolvidos, que deveriam cumprir os programas oficiais de educação, mas questões práticas da rotina, que incluíam registros da chamada e dos conteúdos, bem como o cuidado com a ordem e a disciplina, que era um dos aspectos mais evidentes da educação realizada pelas Irmãs de São José, quer estivessem em sala de aula como professoras ou à frente da administração, como diretoras. Em relação à aprendizagem, as professoras deveriam esforçar-se na instrução das alunas, mensurando os resultados através de notas, denotando assim as responsabilidades do professor em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

O Artigo 15º complementa os deveres do corpo docente, quando é citado que compete aos professores

[...] organizar os pontos para as provas parciais e finais; julgar estas provas com critério e justiça, apresentar à secretaria do estabelecimento no fim de cada mês a relação da matéria lecionada, bem como a lista das notas obtidas pelas alunas durante o mês, inspirar às alunas sentimentos morais e cívicos, desenvolver-lhes o amor pátrio e sentimentos humanitários. (RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO..., 1949).

Esses sentimentos cívicos estavam em consonância com as políticas educacionais do Estado Novo, que tinha como forte ideário o desenvolvimento do patriotismo e do nacionalismo.⁸

No “Relatório da Verificação para Efeito da Concessão de ‘Inspeção Preliminar’ Ginásio Regina Coeli”, também são apresentados dados que dizem respeito ao corpo docente do colégio, tais como o nome dos professores e as disciplinas ministradas por eles. Os docentes e as disciplinas ministradas no ano de 1949 eram: Rosa Modesta Rampi – Matemática e Ciências Naturais; Rosa Contança Tasca – Geografia Geral e do Brasil e História Geral e do Brasil; Ilmede Maria Cembrani – Francês, Matemática, Geografia Geral e do Brasil e Trabalhos Manuais; Zita Maria Valduga - Português, Latim, Inglês e Matemática; Carmelina Molinari – Economia Doméstica e Trabalhos Manuais; Hedda Maria Reschke – Educação Física; Pedro Finkler – Desenho e Música.

Pela relação dos professores, se depreende quais eram as disciplinas trabalhadas, assim como se observa que havia apenas

⁸ Sobre as políticas educacionais brasileiras no período sugere-se Saviani (2010) e Aranha (2006).

um professor do sexo masculino que ministrava Desenho e Música. O Professor Pedro Finkler⁹ era Irmão Marista na época, o que explica sua atuação como docente no Colégio Regina Coeli, pois as Irmãs tinham uma relação de ajuda mútua com os Irmãos Maristas, tendo, inclusive, utilizado salas de aula do colégio deles, antes de o prédio da escola ser concluído. A fala da entrevistada Maria do Carmo Strapazzon realça a pouca participação de professores do sexo masculino na escola: “É nós tínhamos só o professor de Educação Física, que era o Sargento Assunção, era o único homem, porque, naquela época, calça comprida não entrava ali, tinha o portão aqui, da ali, era exclusivamente feminino.” (STRAPAZZON, 2012).

As demais disciplinas eram ministradas por professoras, e era comum que um mesmo professor trabalhasse com mais de uma disciplina. No entanto, chama a atenção também haver uma professora de Educação Física, pois, nesse período, era normal que professores homens dessem tal disciplina, tendo sido citado nas entrevistas inclusive um sargento. A professora Hedda Maria Reschke, citada como docente de Educação Física, em 1949, era leiga. Além disso, em outro período, a Irmã Maria Francisca, mais conhecida como Chica, e bastante referenciada por ter atuado na Banda Marcial do Colégio Regina Coeli, também trabalhou com Educação Física. Na banda, era conhecida por seu pulso firme e sua exigência, características essas que provavelmente tenha apresentado nas suas aulas.

A entrevistada Irmã Henriete Cembrani foi docente no Colégio Regina Coeli durante dez anos, ou seja, de 1947 a 1956, tendo lecionado diferentes disciplinas. Na entrevista, citou as disciplinas de Matemática, Ciências Naturais (para a qual fez o Exame de Suficiência), Geografia, Religião, além de ter sido coordenadora do internato. No relatório (1949), conforme citado anteriormente, essa Irmã estava registrada com seu nome de batismo, a saber Ilmede Maria Cembrani, sendo referida também como docente de Trabalhos Manuais, além das disciplinas mencionadas por ela. A disciplina de Ciências Naturais não consta no Relatório da Verificação de 1949, sendo provável que Henriete Cembrani tenha

⁹ Uma curiosidade que merece ser referida é que o então Irmão Pedro Perguer convidou o ex-Irmão Marista Pedro Finkler para proferir uma palestra sobre “sexologia”, para os alunos do Colégio Divino Mestre. Tal acontecimento, ocorrido no início da década de 70 (séc. XX), causou certo alvoroço em Veranópolis, pois, na época, assuntos relacionados à sexualidade não eram trabalhados tão abertamente.

lecionado apenas mais tarde, já que teve que prestar o Exame de Suficiência. Tal exame foi realizado para verificar a capacitação da professora em dar aulas de Ciências Naturais, já que Henriete Cembrani era graduada em Letras Neolatinas.

Os professores, em geral, tinham um perfil que transparecia seriedade e exigência. No entanto, em muitas falas, apesar dessa postura mais séria, e muitas vezes distante, percebe-se o investimento afetivo que permeava a relação, até porque afetividade e limite podem perfeitamente se complementar. Através das falas da Irmã Henriete Cembrani fica claro que ela demonstrava, e ainda demonstra, um carinho por suas alunas. Relata, com felicidade, que sempre se deu bem com as alunas e que recebia presentes, geralmente alimentos como maçãs e doces. Além disso, quando foi transferida, primeiro para Rio Grande e depois para Caxias do Sul, continuava mantendo contato com algumas alunas por meio de cartas. Ao ser transferida, depois de participar de um retiro em Garibaldi, não pôde se despedir, por isso, narra a experiência com um certo pesar, mas também com gratidão e afetividade:

Eu disse: “Nem me despedi de ninguém.” Ninguém sabia que eu não voltava mais. Mas meu Deus, eu disse: “Quanta gente que eu devo agradecer, que eu devo ser reconhecida, que eu ganhei muito consolo, muita, muita ajuda. Com aquelas gurias... iam tocar serenata pras minhas internas de noite. Eu ficava lá, eu dizia: “Juízo, não vão cantar lá bugiganga¹⁰ [...]”. E ficava acordada até 1 hora, às vezes.¹¹ E eu ficava de pé, girando, porque tinha medo também que elas saíssem, coitadas, devido à idade delas. E eu era mais jovem, então eu me sentia um pouquinho melhor do que agora. O que é a juventude... assim mesmo eram diferentes de mim, porque eu já tinha uma profissão, uma vocação determinada. Bem, então chegou o dia que eu tive de sair. Então fui pro Rio Grande assim morrendo de..., de tristeza, “agora eu vou começar de novo na outra casa”, eu dizia. [...] Bem, ali no segundo mês, de tanta, eu acho, saudades de Veranópolis, me escreviam as meninas coitadas [...] comecei a ficar doente (CEMBRANI, 2012).

O estado de saúde de Henriete Cembrani não era apenas devido à saudade, mas à umidade. A Irmã estava com muita tosse

¹⁰ Não é possível ter certeza de que se trata dessa palavra, pois a fala foi permeada por risos.

¹¹ Irmã Diumira riu da fala de Irmã Henriete Cembrani.

e, ao ir ao médico, o mesmo sugeriu que ela voltasse à Serra Gaúcha, pois o ar era mais adequado à sua saúde. Assim, Henriete Cembrani voltou a Caxias do Sul, sua cidade natal. No entanto, a rigidez da Madre Provincial, fica clara, ao dizer que, se Henriete Cembrani começasse a visitar os pais e irmãos, iria ser transferida para longe. Assim, os limites, as normas e a disciplina estavam bastante presentes na congregação, podendo-se presumir que essa mesma disciplina era cobrada em relação à educação oferecida aos alunos. Ao mesmo tempo que havia cobrança em relação à disciplina, havia também grande preocupação com o aprendizado e o método, explicitado em muitas reuniões pedagógicas, que tinha como uma das pautas diferentes formas de ensinar, sugestões de métodos e de conteúdos.

A Irmã Maria Diumira B. Neglia, tendo sido aluna da Irmã Henriete Cembrani, definiu-a como uma professora exigente, destacando o ato de correção dos cadernos. Por sua vez, a Irmã Henriete Cembrani tenta explicar qual era sua metodologia e por que, talvez, era considerada exigente.

Não, primeiro de tudo, eu vou te dizer que a primeira coisa que eu faço, que eu fazia, é dar tudo o que nos dá tal matéria. Por exemplo, vou te dar um exemplo: a Geografia ou então a Matemática. A Matemática é muito difícil que a criança goste. São raríssimas. Guris têm mais. As meninas, elas não gostam. Elas se esforçam, aprendem, mas, então, primeira coisa: porque que nós estudamos Matemática? O que tem, qual é o benefício pra mim, pra minha vida? Ah, é a retidão, profissão¹² honesta, que quatro mais quatro nunca pode mudar, eu vejo a tabuada... então, os benefícios que ela nos traz. Primeira coisa. Segunda: recomendar todos os dias alguma frase bonita em nome da professora. Deus... prepara minha professora, que eu entenda minha professora... é o segundo. Ali eu me esmerava pra preparar as aulas. Isso eu posso dizer... (CEMBRANI, 2012).

A partir da fala da Irmã Henriete Cembrani, se passa a compreender o carinho que dedicava ao planejamento e à execução de suas aulas. De acordo com as características de personalidade, peculiares a cada sujeito, as Irmãs/professoras acabavam sendo conhecidas ou reconhecidas por elas. A Irmã Henriete Cembrani era

¹² Difícil é entendimento da palavra, havendo dúvida se foi dito profissão ou uma pessoa.

vista por sua aluna Maria Diumira B. Neglia como exigente e a Irmã Carmelita acabou se tornando uma referência de afeto do Colégio Regina Coeli. Por isso, neste momento, serão mencionados alguns aspectos da trajetória da Irmã Carmelita no Colégio Regina Coeli.

Nas entrevistas ou nas conversas informais, a Irmã Carmelita sempre foi mencionada, demonstrando fazer parte de recordações pessoais e coletivas da comunidade veranense. Para muitos, e inclusive para mim, pesquisadora, fica uma lembrança doce, de bons momentos ao lado dessa Irmã. A professora Carmelita é referência para pessoas de diferentes gerações que passaram pela escola, tanto dos que foram seus alunos como dos que observavam sua presença na escola.

Houve um tempo em que a Irmã, não mais atuando em sala de aula, batia o sino, anunciando que era hora de entrar para a sala de aula. Nos momentos que antecediam ao início das aulas, a Irmã transparecia toda a sua afetividade ao se dirigir aos alunos. Se não falha a memória, nesse momento permeado por emoção, muitas vezes, se dirigia aos alunos como “anjinhos”. Outra doce representação que ficou da Irmã Carmelita é referente aos pirulitos que distribuía em momentos especiais ou aos alunos que tinham uma proximidade maior com ela¹³. Devido a essa trajetória da Irmã no colégio, surgiu um grande desejo de entrevistá-la. No entanto, ao visitá-la na Comunidade Nazaré, em Porto Alegre, houve a triste constatação de que não seria possível devido à sua situação de saúde. Mesmo assim, através de contato com a enfermeira e com a própria Carmelita, constatou-se que sua docilidade permanece, mesmo que permeada por momentos de certa apreensão, por nem sempre ter clareza acerca do que estava ocorrendo. A enfermeira relatou que a Irmã é muito querida por todos, e que, às vezes, aparecem pessoas que estiveram vinculadas ao colégio para visitá-la, assim como familiares, mais especificamente uma sobrinha. Por tudo isso, é notável a importância da Irmã Carmelita.

Com autorização da enfermeira que a acompanhava, foram manuseadas algumas fotos pertencentes à Irmã Carmelita e que estavam no quarto. Fotos que, muitas vezes, são vistas e revistas pela Irmã, com ajuda dos cuidadores da Casa de Nazaré. Nos

¹³ Os pirulitos eram produzidos pela própria Irmã, feitos de açúcar em forma de chupeta vermelha, eram apreciados por todos, independentemente da idade. Assim, juntando a forma calma de falar com a maneira dócil com que se dirigia aos alunos e ao famoso pirulito produzido e distribuído pela Irmã, pode-se entender a representação de meiguice e afetividade que eram dirigidas a todos que com ela conviviam.

momentos em que a Irmã Carmelita está inquieta, são as fotos que a acalmam, de acordo com a profissional que a assiste. Isso ficou perceptível no momento em que ao mostrar as fotos para Carmelita, ela disse, dentre outras palavras incompreensíveis: “Que bonitinhos”. Pode-se também entender a palavra “anjinho”, que, por sinal, era a forma que a Irmã nomeava seus alunos. Nas fotos, com marcas do manuseio constante, há também palavras que descrevem a afetividade direcionada aos alunos e alguns momentos especiais que permanecem vivos na memória.



FIGURA 3 – Irmã Carmelita com seus alunos (s.d)
FONTE: Acervo pessoal da Irmã Carmelita.

Para além dos aspectos da cultura escolar, em que podem ser enfatizados os uniformes, a forma como estavam dispostas as crianças para a foto, o número de alunos, evidenciados na figura 3, pode ser observado o carinho que a Irmã Carmelita nutria por seus alunos, expresso em comentários nas fotos. O comentário mais expressivo, dentre outros tantos, é: “Viver com as queridas crianças já é o antegozo do Paraíso.” O peso dessa frase ecoa em todas as lembranças mencionadas por diferentes pessoas que conviveram com essa Irmã e, a partir de diferentes comentários carinhosos, entende-se o afeto e as atitudes da Irmã Carmelita para com seus alunos.

O uniforme vermelho chama a atenção. É provável que fosse

usado apenas pelo Jardim de Infância, já que não foi constatado em fotografias de outras turmas. No entanto, deve-se considerar que muitas das fotografias selecionadas e analisadas para o estudo são em preto e branco. Outra característica, que pode ser inferida a partir da observação dos uniformes e dos alunos, é que a maioria está devidamente uniformizada, havendo um menino que está vestindo calça jeans, o que pode estar relacionado ao poder aquisitivo dos alunos. É provável que os alunos pertenciam à classe média e, principalmente, à alta, pelo fato de estarem frequentando o Jardim de Infância em instituição particular.

Sobre a cultura escolar, também chama a atenção o número de alunos, havendo, na figura 3, 32 alunos. A data do registro fotográfico não foi mencionada, no entanto, um dos alunos está vestido de palhaço, e dois deles estão segurando um troféu. Sendo assim, é suposto que nesse dia tenha havido alguma atividade especial ou comemoração.

A Irmã Carmelita ingressou no Colégio Regina Coeli em 19/2/51 e atuou no colégio tanto no período em que era uma escola confessional católica, como no período em que foi assumida pelo Centro Comunitário Veranense de Educação e Assistência (Cecovea) tendo sido funcionária desde de 3/3/69 a 15/1/82, como professora no Jardim de Infância. De acordo com informações da Sede Provincial, repassadas pela Irmã Hedda Maria Reschke,¹⁴ Irmã Carmelita ficou em Veranópolis de 1951 até 2000, ano em que ficou doente e que foi transferida para a Comunidade São Luiz e depois para a Comunidade de Nazaré.

Apesar de Colégio Regina Coeli estar sendo administrado pelo Cecovea desde 1969, houve uma resistência muito grande por parte das Irmãs para saírem da escola, que era sua moradia. O último andar era destinado à residência dessas Irmãs, e isso às mantinham muito próximas do colégio que administraram, participando como funcionárias e professoras. No momento desse desligamento, ouviu-se pela cidade muitos comentários a respeito da desocupação do prédio pelas Irmãs. Uma das resistentes teria sido a Irmã Carmelita, que começou a adoecer no período em que lhes foi imposta a saída da escola.

A representação do colégio não era só de ser uma escola por onde haviam passado milhares de alunos, mas era de afeto e, mais do que isso, era de lar, onde a Irmã Carmelita passou quase 50

¹⁴ Irmã Hedda M. Reschke também esteve no Colégio Regina Coeli até 1981, onde trabalhou na secretaria da escola por um tempo aproximado de oito a dez anos.

anos. Difícil é imaginar que tal transição teria sido fácil. Agora, talvez, seja possível entender por que a transição de confessional católica para comunitária, em 1969, não gerou tantos embates e tensionamentos. A resistência, a dor por deixar algo construído e vivido por elas veio depois, justamente no momento em que tiveram que deixar o prédio com toda a simbologia que ele carregava.

Como já dito, a Irmã Carmelita tinha uma relação muito próxima com os alunos e com a comunidade educativa. Nas palavras da entrevistada, Professora Jane Dal Pai Giugno, se percebe não só a proximidade com as Irmãs, como também a conduta da Irmã Carmelita, que denotava uma relação intensa de afeto com os alunos:

No tempo que as Irmãs eram proprietárias e diretoras da escola, eu tinha uma relação muito próxima e vou dizer por que, não só por ter sido aluna, mas pela relação que minha família tinha com as Irmãs, com os padres. [...] Isso então nos anos de 56 em diante. Meus quatro, cinco anos, sempre um respeito muito grande porque eles eram autoridades máximas na religião e na educação. [...] E essa relação se prolongou, foi se estendendo e, na escola, como elas tinha também um vínculo conosco e nós com elas, na escola eu até tinha acesso, por exemplo, naquele lugar que se dizia que era a clausura... [...]. Bom, a clausura era um lugar específico que só as Irmãs entravam, e por muitas vezes, enquanto pequena eu chorava de saudades, a Irmã Carmelita me levava numa clausura que era do refeitório, pra me dar os pirulitinhos lá dentro, então eu me lembrei que eu transitava pela coisa que era proibida aos outros, pra mim não era. O proibido pra mim não teve muito isso, porque também lá pelas tantas, aos 8, 9 anos, eu perdi meu pai. Então muito cedo fiquei órfã. E pela grande relação de amizade, penso que elas se sentiram num certo compromisso e obrigação de ajudarem minha mãe na nossa formação, minha e da minha irmã (GIUGNO, 2012).

Pelo depoimento dessa ex-aluna, e mais tarde professora, percebe-se novamente a grande afetividade e o cuidado que a Irmã Carmelita dispensava por seus alunos. Alguns, como citado anteriormente, tinham um contato mais estreito e recebiam pirulitos, assim como podiam acessar espaços específicos das Irmãs. Os pirulitos simbolizavam a ternura e a docilidade próprias dessa educadora.

Apesar de a Irmã Carmelita não ser referenciada nas produções sobre a educação de Veranópolis, está presente na

lembrança e nas representações da comunidade educativa. Prova disso é a Escola Municipal de Educação Infantil Irmã Carmelita, que recebeu seu nome em homenagem a essa freira abnegada.

As considerações aqui apresentadas (sobre os sujeitos do ensinar) permitem inferir que, no período de 1948 a 1969, a maioria das professoras do Colégio Regina Coeli eram Irmãs de São José, havendo ainda a presença de alguns professores leigos, como o professor de Educação Física e os Irmãos Maristas¹⁵. Mesmo que a maioria do corpo docente fosse composto por Irmãs de São José, percebem-se características próprias em cada uma delas, assim como a forma peculiar de exercer a docência. Aspectos da história de duas Irmãs educadoras, que foram narrados aqui, demonstram que, seguiam os princípios de uma educação cristã, que prezava a ordem e a disciplina, cada uma tinha uma forma singular de ensinar e de se relacionar. Essa forma peculiar era influenciada não só pelas subjetividades e idiosincrasias, mas também por fatores externos, como, por exemplo, a série em que trabalhavam e, conseqüentemente, a idade dos alunos. Assim, era diferenciada a exigência presente nas turmas de Ensino Secundário (atual Ensino Médio), onde a Irmã Henriete Cembrani trabalhava, da afetividade apresentada pela Irmã Carmelita, nas turmas de Pré-Primário (atual Educação Infantil).

Para concluir, é importante mencionar que, independentemente das séries em que atuavam e da postura que adotavam na atuação docente, os sujeitos do ensinar do Colégio Regina Coeli deixaram marcas na comunidade educativa, marcas de exigência e de dedicação, de disciplina e de afetividade, de sabedoria e de bondade, que tornaram as Irmãs de São José uma referência em educação. As Irmãs eram consideradas “exímias educadoras”. A atribuição dessa característica pode estar relacionada à vocação religiosa, pois como afirma Rabelo e Ferreira (2010) “as mulheres, a partir do momento que foram convocadas a cumprir uma missão nobre, passaram a ser percebidas como reprodutoras de valores que viessem a beneficiar a sociedade”. Essa percepção é influenciada por concepções que perpassam a história das congregações e do magistério, assim como está relacionada às questões de gênero.

¹⁵ A partir da LDB 4024/61 os professores que lecionavam no ensino secundário teriam que ter formação nas faculdades de filosofia, ciências e letras, assim como os professores de disciplinas específicas de ensino médio técnico teriam que ter formação em cursos especiais de educação técnica (Artigo 59).

Para compreendermos melhor porque o magistério passa a ser uma das atividades centrais exercidas pelas religiosas é preciso entender a história da constituição e desenvolvimento da maneira como as mulheres viveram e vivem a vida religiosa, bem como, a feminização do magistério, ou seja, as raízes históricas da atividade docente – vista como vocação e sacerdócio. (RABELO; FERREIRA, 2010, p.19).

Considerando o percurso histórico, as representações, as influências, assim como as práticas das Irmãs de São José, é possível afirmar que elas tornaram-se uma referência em educação. Em Veranópolis, tal referência foi marcada por esforços conjuntos de toda a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

COSTA, Rovílio (Coord.). *Povoadores das Colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado*. Porto Alegre: EST Edições, 1997.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Org.). *Disciplinas e integração curricular: histórias e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-71.

FARINA, Geraldo. *História de Veranópolis*. Veranópolis: Smed, 1992.

PESSIN, Dalino. Regina Coeli: 80 anos de história na educação de Veranópolis. In: COSTA, Rovílio (Org.). *Raízes de Veranópolis*. Porto Alegre: EST, 1998. p. 399-401.

RABELO, Giani; FERREIRA, Edinalva Leal. *Vida religiosa e magistério: a construção da identidade docente*. I Seminário de Pesquisa da Linha "Educação, Linguagem e Memória, v. 1, n 1, 2010. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/index.php/SELM/issue/view/29>. Acesso em 28 maio 2013.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

RELATÓRIO DA VERIFICAÇÃO PARA EFEITO DA CONCESSÃO DE "INSPEÇÃO PRELIMINAR" GINÁSIO REGINA COELI. Veranópolis, 1949.

RELATOS ORAIS

CEMBRANI, Henriete. *Entrevista*. Caxias do Sul, 2012. Entrevista concedida a Marina Matiello.

GIUGNO, Jane Lourdes Dal Pai. *Entrevista*. Veranópolis, 2012. Entrevista concedida a Marina Matiello.

NEGLIA, Maria Diumira Barcellos. *Entrevista*. Caxias do Sul, 2012. Entrevista concedida a Marina Matiello.

STRAPAZZON, Maria do Carmo de Mello. *Entrevista*. Veranópolis, 2012. Entrevista concedida a Marina Matiello.

